



B1

ISSN: 2595-1661

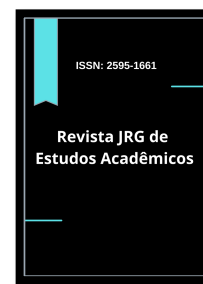
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Estratégias de professoras alfabetizadoras no ensino da alfabetização e letramentos em escola pública municipal de Serra do Ramalho – BA

Strategies of literacy teachers in the teaching of reading, writing, and literacies in a municipal public school in Serra do Ramalho – BA

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3208

ARK: 57118/JRG.v9i20.3208

Recebido: 09/04/2026 | Aceito: 24/04/2026 | Publicado *on-line*: 25/04/2026

José Francisco de Sousa¹

<https://orcid.org/0000-0002-1890-7933>

<http://lattes.cnpq.br/4588079979758299>

UNINOVE, SP, Brasil

E-mail: francisco1965@gmail.com

Luiz Gracia Soares²

<https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

<http://lattes.cnpq.br/6119072383935384>

Faculdade de Ciências Sociais Interamericanas, Assuncion, Paraguai

E-mail: luizgraciasantos@gmail.com



Resumo

O trabalho aqui apresentado, de cunho qualitativo apresenta os resultados obtidos da pesquisa “Análise das estratégias de professoras alfabetizadoras no ensino da alfabetização e letramentos na escola pública municipal de Serra do Ramalho. A preocupação central deste estudo surge a partir do momento em que se observa uma lacuna na relação entre a concepção que o professor tem de alfabetização e de letramento e suas práticas educativas na sala de aula. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar se as práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelas professoras de uma escola da rede pública de ensino de Serra do Ramalho contribuíam para o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos. Neste sentido, investigou-se como os pressupostos teóricos do professor influenciam o ensino da leitura e da escrita, abordando a alfabetização e letramento no processo educativo de alunos do ensino fundamental I, partindo das dificuldades enfrentadas e das práticas utilizadas pelas professoras alfabetizadoras. Para tanto, utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista, questionário e a observação das aulas destas docentes. Os resultados mostraram que as professoras diferenciam alfabetização de letramento, utilizam os gêneros textuais em sala de aula para alfabetiza e letrar, não apresentavam uma formação específica para o trabalho com alfabetização e letramento, mas faziam uso de práticas que valorizavam conhecimentos teóricos e metodológicos pautados na realidade

¹ Professor aposentado da Secretaria de Estado de Educação do DF, formado em letras, biologia, história e psicologia. Especialista em Gestão escolar, psicologia social, letras portuguesas e em psicopedagogia. Mestre em Educação e doutor em Psicologia.

² Professor da rede municipal de ensino de Serra do Ramalho (BA) e Sítio do Mato (BA), Licenciatura em Pedagogia e Graduação em Educação Física, especialista em Desenvolvimento Humano Educação e Inclusão Escolar, Psicomotricidade Educação Psicomotora, Alfabetização e Letramento, Acessibilidade na Atividade Física Escolar. Mestre em Ciências da Educação.



dos sujeitos aprendentes de forma que contribuíssem para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, a prática das professoras alfabetizadoras deixava claro que alfabetizar e letrar eram ações complementares, bem como a discussão e as observações feitas versavam sobre a validade de uma prática de alfabetização na perspectiva do letramento.

Palavras-chave: Professoras; alfabetizadoras; Alfabetização; Letramento e Práticas Pedagógicas.

Abstract

This qualitative study presents the results of the research entitled "Analysis of literacy teachers' strategies in the teaching of literacy and letterings in the municipal public school of Serra do Ramalho". The central concern of this study arises from the observed gap between teachers' conceptions of literacy and letterings and their educational practices in the classroom. Thus, the general objective of this research was to analyze whether the literacy and lettering practices developed by teachers in a school of the municipal public network of Serra do Ramalho contributed to the development of their students' learning. In this sense, it investigated how the teachers' theoretical assumptions influence the teaching of reading and writing, addressing literacy and lettering in the educational process of Elementary School I students, starting from the difficulties faced and the practices used by the literacy teachers. To this end, interviews, questionnaires, and classroom observations were used as data collection instruments. The results showed that the teachers differentiate literacy from lettering and utilize textual genres in the classroom for both processes. Although they did not have specific training for working with literacy and lettering, they employed practices that valued theoretical and methodological knowledge grounded in the reality of the learners, thereby contributing to the development of the teaching and learning process. Consequently, the practice of these literacy teachers made it clear that literacy and lettering were complementary actions, and the discussions and observations emphasized the validity of a literacy practice within a lettering perspective.

Keywords: Teachers; Literacy Teachers; Literacy; Lettering; Pedagogical Practices.

1. Introdução

O processo de apropriação da escrita e da leitura representa um dos maiores marcos na trajetória escolar do indivíduo. No cenário brasileiro, a discussão sobre como se ensina a ler e escrever evoluiu da simples decodificação para a perspectiva da indissociabilidade entre a alfabetização e o letramento. Este artigo investiga essa dinâmica no contexto específico da Escola Pública Municipal de Serra do Ramalho, na Bahia, focando nas estratégias pedagógicas de professoras alfabetizadoras.

Alfabetizar e letrar são processos que, embora distintos em sua essência técnica, caminham de mãos dadas no desenvolvimento humano. Enquanto a alfabetização foca no domínio mecânico de codificar e decodificar sons e símbolos, o letramento vai além, convidando o indivíduo a mergulhar nos significados sociais da escrita. Não se trata apenas de ensinar a criança a juntar as letras para formar a palavra "pão", mas de garantir que ela compreenda o papel desse alimento na mesa, a função de uma lista de compras e o direito de participar ativamente da cultura escrita que a rodeia.

Alfabetizar e letrar são processos que, embora distintos em sua essência técnica, caminham de mãos dadas no desenvolvimento humano. Enquanto a alfabetização foca no domínio mecânico de codificar e decodificar sons e símbolos, o letramento vai além,



convidando o indivíduo a mergulhar nos significados sociais da escrita. Não se trata apenas de ensinar a criança a juntar as letras para formar a palavra "pão", mas de garantir que ela compreenda o papel desse alimento na mesa, a função de uma lista de compras e o direito de participar ativamente da cultura escrita que a rodeia.

Portanto, o sucesso desse processo não deve ser medido apenas por testes de proficiência, mas pela capacidade do sujeito de usar a palavra como instrumento de liberdade. Uma alfabetização plena, aliada a um letramento crítico, devolve ao cidadão o poder da voz e da compreensão. É através dessa base sólida que construímos uma educação que não apenas informa, mas que transforma vidas, promovendo o desenvolvimento intelectual e emocional necessário para que cada pessoa escreva, com as próprias mãos, a sua própria história.

A problemática que norteia esta investigação reside na necessidade de compreender como as práticas docentes de alfabetização e letramento estão sendo desenvolvidas e se elas, de fato, impulsionam o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Para tanto, o estudo questiona: Como são desenvolvidas essas práticas na rede municipal de Serra do Ramalho? Tais estratégias contribuem efetivamente para o progresso dos discentes? Quais concepções teóricas sustentam esse fazer pedagógico? E, por fim, qual o papel da família nesse ecossistema de aprendizagem?

O objetivo central desta pesquisa é analisar se as estratégias utilizadas pelas professoras contribuem para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos em uma escola municipal do referido município. A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de dar visibilidade às práticas locais e fornecer subsídios para a reflexão sobre a formação continuada e o fortalecimento das políticas de alfabetização na região do Vale do São Francisco.

O marco teórico fundamenta-se nos conceitos de alfabetização e letramento escolar, dialogando com autores que defendem o ensino da língua escrita em uma perspectiva social e funcional. Metodologicamente, optou-se por uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação. O corpus de análise foi constituído a partir de questionários estruturados, entrevistas e observações junto a quatro professoras alfabetizadoras, permitindo uma imersão crítica nas subjetividades e nos desafios do cotidiano escolar.

2. Referencial Teórico

A distinção entre alfabetização e letramento é um dos pilares da educação contemporânea e exige uma compreensão que ultrapassa a mera decodificação. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), a alfabetização deve ser entendida como um processo de construção de conhecimento, no qual a criança reconstrói o sistema de escrita alfabética, e não apenas como uma técnica de associação de sons a letras. Nessa perspectiva, o foco reside na compreensão da estrutura da língua e nas hipóteses que o sujeito levanta sobre como o sistema funciona.

Por outro lado, o conceito de letramento surge para nomear o impacto social da escrita na vida do sujeito. Segundo Soares (2010), enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da tecnologia da escrita, o letramento refere-se ao estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas faz uso efetivo dessas habilidades nas práticas sociais. Assim, é possível ser alfabetizado sem ser letrado, ou vice-versa, embora o ideal pedagógico seja a coexistência plena de ambos os processos no ambiente escolar.

Complementando essa visão social, Kleiman (1995) define o letramento como um conjunto de práticas situadas que conferem sentido à leitura em contextos específicos, como o trabalho, a igreja ou a burocracia estatal. Para a autora, o letramento não é uma



habilidade abstrata e universal, mas algo moldado pelas agências sociais e pelas necessidades do indivíduo em seu meio. Essa abordagem reforça que a escola pública deve ser uma agência de letramento que conecte o saber acadêmico à vida cotidiana do aluno em Serra do Ramalho.

Nesse cenário, o pensamento de Paulo Freire torna-se indispensável para humanizar a técnica. Para Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o que significa que o processo de alfabetização deve estar profundamente ancorado na realidade política e cultural do educando. Alfabetizar, sob a ótica freiriana, é um ato de conscientização; não basta aprender a ler frases isoladas, é preciso ler a própria história para transformá-la, conferindo ao letramento um caráter emancipatório e crítico.

Assim, a convergência entre essas teorias aponta que a escola de Serra do Ramalho deve promover o que Soares denomina como "alfaletrar": o ensino simultâneo da técnica e da função social. Ao integrar a psicogênese de Ferreiro, a sociolinguística de Kleiman e a pedagogia crítica de Freire, as professoras alfabetizadoras criam estratégias que permitem ao aluno não apenas dominar o código, mas tornar-se um cidadão pleno, capaz de interpretar e atuar sobre o seu território através da linguagem escrita.

3. Metodologia

A presente investigação caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada na modalidade de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011). Esta escolha justifica-se pela natureza participativa do método, que permite ao pesquisador intervir na realidade educacional da escola municipal de Serra do Ramalho, promovendo uma reflexão crítica e conjunta com as docentes sobre as estratégias de alfabetização e letramento. Diferente de uma observação passiva, a pesquisa-ação busca identificar problemas no cotidiano escolar e implementar ciclos de planejamento, ação e reflexão que visem à melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

O cenário da pesquisa é uma escola da rede pública municipal de ensino de Serra do Ramalho - BA, e o corpus de análise foi composto por quatro professoras alfabetizadoras. A coleta de dados ocorreu de forma multifacetada para garantir a triangulação das informações: primeiramente, aplicou-se um questionário estruturado para traçar o perfil formativo e as concepções teóricas das participantes; em seguida, realizaram-se entrevistas semiestruturadas e observações participantes das rotinas pedagógicas, permitindo confrontar o discurso docente com as práticas efetivamente desenvolvidas em sala de aula.

Os critérios de inclusão estabelecidos para a participação no estudo foram: ser docente efetiva ou contratada da rede municipal de Serra do Ramalho, atuar especificamente em turmas do Ciclo de Alfabetização (1º ao 3º ano do Ensino Fundamental) e possuir disponibilidade para participar das etapas de reflexão da pesquisa-ação. Como critérios de exclusão, foram considerados professores que estivessem em desvio de função, em gozo de licença médica ou que atuassem em anos escolares fora do recorte pretendido pela pesquisa, garantindo assim a fidedignidade dos dados relativos ao processo de alfabetização.

No que tange aos aspectos éticos, a pesquisa seguiu rigorosamente as normas que regulamentam estudos com seres humanos. Todas as participantes foram devidamente esclarecidas sobre os objetivos e procedimentos da investigação, formalizando sua anuência por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para resguardar a identidade das docentes e da instituição, foram utilizados pseudônimos, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações



compartilhadas, bem como o direito de desistência em qualquer etapa do processo sem qualquer prejuízo profissional.

A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo, em que as falas das entrevistas, as respostas dos questionários e os registros de observação foram categorizados de acordo com os eixos temáticos: estratégias didáticas, concepções de alfabetização/letramento e a relação escola-família. Esse processo permitiu verificar se as estratégias mobilizadas pelas professoras em Serra do Ramalho estão alinhadas às necessidades de aprendizagem dos alunos e como o marco teórico do letramento escolar é traduzido na prática cotidiana daquela localidade.

No que diz a oralidade esta constitui a primeira forma de inserção do sujeito na cultura e deve ser o ponto de partida para qualquer estratégia de alfabetização humanizada. Oralidade não é só falar. Oralidade na escola envolve a escuta atenta e a organização do pensamento crítico. Conforme aponta a literatura clássica de Freire (1989), o diálogo é o selo do ato de conhecer, e é por meio da valorização da fala do aluno de Serra do Ramalho que se estabelece a ponte entre o seu saber de experiência feito e o código formal da língua escrita.

A leitura, por sua vez, deve ser apresentada como um processo de construção de sentidos e não como mera decifração. Ler é um ato de interagir com o autor e com o contexto social no qual o texto está inserido. Em estudos recentes, Soares (2021) defende que o aprendizado da leitura exige o desenvolvimento de habilidades cognitivas específicas que permitam à criança não apenas "ler a letra", mas "ler o mundo", transformando a informação em conhecimento aplicado. Essa visão moderna reforça que o ato de ler na escola deve ser alimentado por diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

No que tange à produção de textos, é essencial que a escrita seja encarada como uma prática de autoria e expressão de identidade. Escrever na fase de alfabetização vai muito além de copiar sílabas; trata-se de organizar ideias para comunicar algo a alguém. Segundo as perspectivas contemporâneas de Ferreiro (2024), o erro na escrita não deve ser visto como uma falha, mas como uma evidência das hipóteses que o aprendiz constrói sobre o sistema, sendo papel da professora intervir estrategicamente para que o aluno avance em suas reflexões sobre a norma e o uso.

A integração desses eixos permite que o letramento escolar seja efetivo e inclusivo. Quando a professora de Serra do Ramalho propõe uma atividade que começa no relato oral, passa pela leitura coletiva e culmina na produção escrita, ela está garantindo que o aluno compreenda a funcionalidade da língua. De acordo com as diretrizes de Kleiman (2022), o ensino que isola a gramática da prática social de produção textual acaba por desmotivar o aprendiz, ao passo que o ensino baseado em projetos de letramento devolve ao estudante o protagonismo sobre sua própria fala e escrita.

As estratégias pedagógicas que privilegiam a oralidade, a leitura e a escrita como processos interdependentes são as que melhor contribuem para a formação de sujeitos letrados. Uma prática humanizada reconhece que a criança é um sujeito que pensa, fala e produz cultura desde o primeiro dia de aula. Ao fortalecer esses eixos, a escola municipal cumpre sua função social de alfabetizar letrando, preparando os alunos para os desafios de um mundo cada vez mais mediado pela linguagem escrita e digital.

Complementarmente, a prática docente na alfabetização e letramento não se resume à aplicação de métodos, mas constitui-se como um agir intencional que acolhe a subjetividade do aprendiz. O professor atua como um "arquiteto de contextos", organizando espaços e tempos onde a escrita ganhe vida e propósito. Nesse sentido, a



eficácia do ensino em uma escola pública depende da capacidade do educador de transitar entre a técnica fonológica e a sensibilidade social, garantindo que o direito de aprender seja respeitado em sua plenitude. Conforme assevera Soares (2021, p. 45), "alfabetizar letrando é, sobretudo, inserir a criança em um mundo de significados, onde a letra é o meio e a compreensão é o fim".

Nesse cenário, a família emerge como o primeiro e mais persistente núcleo de letramento do sujeito. A importância da participação familiar no processo educativo reside na criação de um ambiente que valorize a cultura escrita fora dos muros escolares. Quando os pais ou responsáveis compartilham momentos de leitura, incentivam a escrita de bilhetes ou simplesmente demonstram curiosidade pelos avanços da criança, eles fortalecem a base afetiva necessária para a aprendizagem cognitiva. Segundo Freire (1989), a educação é um ato coletivo que demanda uma comunhão entre os saberes da casa e os saberes da escola.

Todavia, a relação entre escola e família deve ser pautada no diálogo e na ausência de julgamentos, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. É papel da professora alfabetizadora orientar as famílias sobre como elas podem contribuir, sem necessariamente assumir o papel técnico de ensinar a ler. A literatura contemporânea reforça que "a parceria entre a escola e a família é o alicerce que sustenta a motivação do aluno e a continuidade do seu desenvolvimento intelectual" (SILVA; OLIVEIRA, 2023, p. 12). Essa colaboração transforma a aprendizagem em um projeto comum, reduzindo a evasão e fortalecendo o vínculo da criança com o conhecimento.

A integração das práticas pedagógicas com o suporte familiar permite que o letramento escolar se transforme em letramento social. Estudos recentes indicam que crianças que percebem uma harmonia entre o que se aprende na escola e o que se valoriza em casa apresentam níveis mais elevados de proficiência em leitura e escrita. Conforme analisam Kleiman e Santos (2022), o sucesso da alfabetização está diretamente ligado à capacidade da instituição de ensino de validar as práticas de letramento que a família já possui, integrando-as ao currículo formal de maneira respeitosa e produtiva.

Portanto, a prática docente humanizada em Serra do Ramalho deve considerar a família como uma aliada estratégica e indispensável. Ao abrir as portas da escola para a comunidade, o professor não apenas ensina o alfabeto, mas constrói uma rede de proteção e incentivo que ampara o aluno em suas descobertas. É nessa intersecção entre o saber pedagógico e o apoio familiar que se consolida uma educação pública de qualidade, capaz de formar cidadãos letrados, críticos e plenamente conscientes de seu papel na sociedade.

4. RESULTADOS

4.1. Das participantes da pesquisa

A instituição de ensino investigada na rede municipal de Serra do Ramalho – BA configura-se como uma unidade de atendimento abrangente, contemplando desde a Pré-escola até o Ensino Médio, com um contingente de 360 alunos. A estrutura administrativa é composta por um diretor e um vice-diretor, que gerenciam um corpo docente de **25 professores**. Nota-se uma particularidade na organização do quadro de pessoal: embora a escola atenda aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio — etapas que exigem habilitação específica —, o quadro efetivo de licenciados em áreas curriculares é reduzido, contando com três graduados em Letras, um em História e dois em Biologia. O restante da demanda pedagógica é suprido por profissionais



contratados temporariamente via Programa de Prestação de Serviços Temporários (PST).

No que tange especificamente ao bloco de alfabetização, as quatro professoras participantes deste estudo apresentam um perfil formativo sólido e uma maturidade profissional relevante. Todas possuem graduação em Pedagogia e cursos de especialização *lato sensu*, o que indica uma busca contínua por qualificação teórica. A faixa etária das docentes varia entre 28 e 49 anos, revelando um grupo que mescla o entusiasmo de profissionais jovens com a experiência de professoras em estágio intermediário de carreira.

Um dado de extrema relevância para a análise das estratégias pedagógicas é o tempo de experiência específica na área. As participantes possuem entre 8 e 10 anos de regência em turmas de alfabetização. Este tempo de atuação é um indicador de que as estratégias observadas não são frutos de ensaios isolados, mas sim de uma prática consolidada e refinada pelo cotidiano escolar. Conforme aponta a literatura, a experiência docente, quando aliada à formação contínua, permite que o professor desenvolva um "saber de experiência" que facilita a mediação entre o sistema de escrita e a realidade sociocultural do aluno.

Análise Crítica dos Dados

A presença de professores com formações distintas (Letras, História, Biologia) atuando em uma escola que abrange todos os níveis de ensino sugere um desafio comum em municípios de pequeno e médio porte: a polivalência e a gestão de recursos humanos frente às demandas da educação básica (TARDIC, 2014). Entretanto, o foco desta pesquisa nas quatro pedagogas permite observar que o núcleo da alfabetização está sob a responsabilidade de profissionais com habilitação específica para esta etapa, o que corrobora a qualidade potencial das intervenções analisadas.

A estabilidade das professoras no ciclo de alfabetização (quase uma década de atuação) é um fator que contribui para a continuidade das políticas pedagógicas internas (NOVOA, 2022). Essa permanência permite que as estratégias de letramento sejam aprimoradas e adaptadas às características da comunidade de Serra do Ramalho, criando um repertório de práticas que dialogam com a identidade local dos aprendentes.

4.2. As estratégias pedagógicas - Gêneros literários mais usados pelas professoras

Ao analisar as estratégias didáticas, observou-se que as quatro professoras utilizam os gêneros textuais como o eixo central da alfabetização. Em seus relatos, destacam o uso de cordéis, receitas típicas da região e notícias locais, transformando o suporte textual em um objeto vivo de estudo. Essa escolha metodológica demonstra que, embora não possuam uma formação acadêmica específica em letramento pós-graduação, a intuição pedagógica e a experiência de quase uma década na rede municipal as conduziram a uma prática que Soares (2021) define como o "alfalettrar". Elas não ensinam a letra isolada, mas a letra dentro de um contexto social que faz sentido para a criança de Serra do Ramalho.

A investigação revelou que as docentes possuem uma concepção clara da distinção entre alfabetizar e letrar, tratando-os como processos interdependentes. Durante as observações, notou-se que as atividades de codificação (alfabetização) eram sempre precedidas por momentos de oralidade e leitura compartilhada (letramento). Uma das professoras enfatizou em sua entrevista que "não basta o aluno saber ler a palavra 'seca', ele precisa entender como a falta de chuva afeta a plantação da sua



família". Essa fala ratifica a perspectiva de Kleiman (2022), ao evidenciar que as práticas de letramento são situadas e respondem às necessidades imediatas do grupo social.

Um ponto crítico identificado nos resultados foi a lacuna na formação continuada. Apesar de serem graduadas e especialistas, as docentes relataram que os cursos oferecidos pela rede municipal nem sempre aprofundam a relação teórico-prática do letramento. Contudo, essa carência é suprida por um esforço autônomo de planejamento coletivo. Elas utilizam os conhecimentos da Pedagogia para adaptar materiais didáticos à realidade local, evidenciando o que Freire (1989) denomina de "curiosidade epistemológica", onde o professor se torna um pesquisador de sua própria prática para superar as limitações do sistema.

No que concerne à valorização do sujeito aprendente, as estratégias observadas demonstraram um profundo respeito à bagagem cultural dos alunos. As professoras utilizam o vocabulário cotidiano das crianças e os saberes das famílias rurais como ponto de partida para a construção de sequências didáticas. Essa estratégia humanizada reduz a distância entre a linguagem formal da escola e a linguagem afetiva do lar, facilitando a transição para o sistema de escrita. Como resultado, os alunos apresentam um engajamento maior, pois percebem que sua identidade e seu território estão representados no material escolar.

Quanto à participação das famílias, os dados sugerem que, embora existam desafios socioeconômicos, as professoras criam canais de comunicação efetivos. Elas relataram que o uso de cadernos de itinerância e o compartilhamento de leituras para casa são estratégias que "alfabetizam também o ambiente familiar". Essa interação é fundamental, pois, ao validar o saber dos pais, a escola fortalece a autoestima do aluno. Segundo Silva e Oliveira (2023), o sucesso na alfabetização em escolas públicas está intrinsecamente ligado a esse acolhimento das famílias como parceiras no processo de construção do conhecimento.

Enfim, os resultados desta pesquisa-ação reiteram que a eficácia da alfabetização em Serra do Ramalho não depende apenas de recursos tecnológicos, mas da intencionalidade docente. A prática das quatro professoras deixa claro que alfabetizar e letrar são ações complementares que exigem sensibilidade e rigor teórico. A validade de uma prática de alfabetização na perspectiva do letramento confirmou-se, neste estudo, como o caminho mais seguro para garantir que os alunos não apenas dominem o código, mas desenvolvam a capacidade crítica de ler e intervir em sua própria realidade.

4.3. Representações sociais da alfabetização pelas professoras

As entrevistas revelaram que as representações sociais (MOSCOVICI, 2015) das docentes sobre a alfabetização transcendem a visão tradicional de ensino de letras e fonemas. Para as participantes, alfabetizar é representado como um "ato de dar voz" e "abrir portas", indicando uma percepção da escrita como instrumento de poder e inserção social. Essa representação subjetiva é o que sustenta o esforço pedagógico em uma escola pública, pois a professora não vê o aluno apenas como um aprendiz de códigos, mas como um futuro cidadão que precisa da palavra para reivindicar seus direitos no contexto baiano.

Uma representação recorrente nas falas foi a da alfabetização como um processo de "escuta". Diferente de modelos tecnicistas que priorizam a repetição, as professoras de Serra do Ramalho associam o sucesso do ensino à capacidade de ouvir a história de vida da criança. Elas representam a sala de aula como um espaço de troca, onde o saber do aluno é o alicerce para o novo conhecimento. Conforme analisa Freire (1989), essa



representação da prática como diálogo é o que permite que a leitura da palavra seja, efetivamente, uma leitura da realidade do sujeito.

Quanto ao conceito de letramento, as representações sociais das docentes convergem para a ideia de "uso prático" e "funcionalidade". Elas não definem o letramento como uma teoria acadêmica distante, mas como a capacidade do aluno de "se virar no mundo", seja lendo uma placa na estrada, um anúncio no rádio ou as instruções de um fertilizante. Essa representação pragmática é essencial, pois orienta as estratégias de ensino para objetivos reais, garantindo que o aprendizado escolar tenha utilidade imediata na vida cotidiana das famílias atendidas pela rede municipal.

Outro aspecto central nas representações identificadas é o papel da afetividade. As professoras representam o ato de alfabetizar como uma "missão de cuidado". Nas entrevistas, foi comum o uso de termos como "paciência", "carinho" e "acolhimento" para descrever as estratégias de ensino. Essa representação afetiva do magistério indica que, para essas profissionais, o desenvolvimento cognitivo está intrinsecamente ligado ao bem-estar emocional do aluno, sugerindo que o aprendizado ocorre de forma mais fluida quando há um vínculo de confiança estabelecido.

As docentes também manifestaram representações sobre os desafios da escola pública, associando a alfabetização a uma "luta contra o tempo e a escassez". Elas reconhecem as lacunas de recursos e a ausência de formações específicas, mas representam a criatividade como a principal ferramenta de superação. Essa visão do "professor-herói" ou "professor-inventor" é uma representação social forte que, embora revele as carências do sistema, destaca o protagonismo e a autonomia dessas mulheres na construção de soluções pedagógicas próprias para a realidade de Serra do Ramalho.

As representações sociais coletadas indicam que, para essas alfabetizadoras, alfabetizar e letrar são faces da mesma moeda. Elas representam a alfabetização como o "corpo" (a estrutura, a técnica) e o letramento como a "alma" (o sentido, o propósito). Essa metáfora, extraída das discussões durante a pesquisa-ação, consolida a validade de uma prática que não dicotomiza o ensino, mas o integra de forma humanizada. Assim, a representação social da alfabetização na rede municipal é, acima de tudo, uma representação de esperança e transformação social por meio do conhecimento.

4.4. O Planejamento Docente e a Gestão do Tempo Pedagógico

Um dos resultados mais expressivos da pesquisa-ação foi a percepção de que o planejamento das quatro professoras não é uma peça burocrática, mas um instrumento dinâmico de intervenção. Elas relataram que a organização da rotina em Serra do Ramalho prioriza o "tempo de aprender" em detrimento do "tempo de cumprir conteúdos". Isso significa que, se uma estratégia de leitura de um gênero textual desperta um debate profundo sobre a realidade local, as docentes estendem essa atividade, garantindo que o letramento ocorra de forma orgânica. Essa flexibilidade é uma marca das alfabetizadoras experientes, que compreendem que o ritmo da aprendizagem é individual e processual.

A observação das práticas revelou a existência de "cantinhos de leitura" e a exposição de produções autorais dos alunos pelas paredes da sala. Essa organização do espaço físico é uma estratégia pedagógica que transforma o ambiente em um "terceiro educador". Ao verem seus textos expostos, os alunos desenvolvem o que a teoria chama de pertencimento e identidade com a cultura escrita. Segundo as docentes, essa estratégia visa "letrar o olhar" da criança, fazendo com que ela se sinta autora e participante do mundo das letras, e não apenas uma espectadora passiva de conteúdos passados no quadro negro.



No que diz respeito à articulação entre os eixos da língua, as professoras demonstram habilidade em planejar atividades integradas. O resultado das entrevistas aponta que elas evitam a fragmentação do ensino; por exemplo, uma atividade de oralidade sobre uma lenda regional da Bahia serve de base para uma escrita coletiva e, posteriormente, para a análise de fonemas específicos. Essa integração é a materialização do conceito de "alfabetizar letrando" de Magda Soares, onde a técnica da escrita nunca é isolada de sua função comunicativa e social.

A pesquisa também identificou que o planejamento é o momento em que as professoras enfrentam o desafio das turmas heterogêneas. Elas utilizam estratégias de agrupamentos produtivos, onde alunos em diferentes níveis de hipótese de escrita trabalham juntos. Nas entrevistas, as docentes afirmaram que essa troca entre pares é fundamental para que o aluno "desequibre" suas certezas e avance em suas reflexões sobre o sistema alfabético. Essa prática demonstra um domínio prático da teoria da Psicogênese da Língua Escrita, mesmo quando o termo técnico não é citado explicitamente.

Outro achado relevante foi a utilização de tecnologias e materiais não estruturados no cotidiano. Na ausência de laboratórios de informática equipados, as professoras criam "tecnologias de baixo custo", como jogos de letras feitos de materiais recicláveis e o uso do rádio ou celular para gravar e ouvir a própria voz. Essas estratégias, além de contornar a escassez de recursos, estimulam a criatividade e a ludicidade, elementos essenciais para que a alfabetização não se torne um processo árduo ou mecânico para a criança.

Os resultados indicam que o planejamento coletivo entre as quatro professoras funciona como uma rede de apoio e formação mútua. Elas compartilham sucessos e fracassos, ajustando suas estratégias de acordo com o que funciona no contexto de Serra do Ramalho. Essa postura reflexiva, característica da pesquisa-ação, consolida uma prática docente que é, ao mesmo tempo, científica em seus fundamentos e humanizada em sua execução. A validade dessa abordagem reflete-se no engajamento dos alunos, que passam a ver a escola como um lugar de descoberta e exercício de sua própria cidadania.

5. Discussões

A convergência entre as estratégias pedagógicas observadas e o referencial teórico de Magda Soares revela que a prática docente em Serra do Ramalho supera a dicotomia tradicional entre o "aprender o código" e o "usar a língua". Ao utilizarem gêneros textuais da realidade local, as professoras materializam o conceito de indissociabilidade, onde a alfabetização não é um pré-requisito para o letramento, mas ocorre simultaneamente a ele. Como bem define Soares (2021, p. 33), "alfabetizar e letrar são duas vertentes de um mesmo processo: a entrada no mundo da escrita". Essa perspectiva é vital para evitar o esvaziamento de sentido que frequentemente ocorre em métodos puramente mecânicos e repetitivos.

No que tange às representações sociais das docentes, percebe-se um alinhamento com a pedagogia crítica, onde o ato de ensinar a ler é indissociável da leitura do contexto social. O diálogo estabelecido entre as falas das professoras e a teoria de Paulo Freire demonstra que a alfabetização no interior baiano é compreendida como um instrumento de emancipação. Segundo Freire (1989, p. 11), "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", e os resultados deste estudo confirmam que, ao valorizarem o saber de experiência feito dos alunos, as docentes transformam a sala de aula em um espaço de construção de cidadania e não apenas de instrução técnica.



A análise da prática-ação evidenciou que a experiência docente de quase uma década atua como um "filtro qualificador" das diretrizes curriculares. Mesmo diante de uma formação continuada lacunar por parte da rede municipal, as professoras mobilizam saberes experienciais que as permitem realizar transposições didáticas complexas. De acordo com Tardif (2014, p. 36), "o saber dos professores é um saber plural, formado pelo amálgama de saberes oriundos da formação profissional e da prática cotidiana". Em Serra do Ramalho, esse amálgama é o que garante a resiliência pedagógica e a adaptação dos conteúdos às necessidades dos sujeitos aprendentes.

Um ponto de tensão discutido refere-se à utilização de gêneros textuais sem uma formação específica profunda. Todavia, a observação das aulas mostrou que as professoras utilizam o letramento como uma prática social situada, o que Kleiman (2022) identifica como a agência necessária para que a escola cumpra seu papel transformador. A discussão aqui aponta que, embora a técnica seja necessária, é a intencionalidade do uso da escrita que define o sucesso do letramento escolar. Para Kleiman (1995, p. 15), o letramento deve ser entendido como "um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia".

A relação entre escola e família, discutida sob a ótica da parceria, revelou que o letramento familiar em contextos de vulnerabilidade não deve ser visto como ausente, mas como diferente. As professoras participantes demonstram compreender que a valorização do saber oral das famílias é o primeiro passo para o letramento acadêmico. Estudos contemporâneos corroboram essa visão, indicando que a integração entre os saberes domésticos e escolares potencializa o desenvolvimento cognitivo da criança (SILVA; OLIVEIRA, 2023). Essa simbiose é o que humaniza o processo educativo e fortalece o vínculo da comunidade com a instituição de ensino.

Quanto à organização do tempo e do espaço, a discussão revela que as estratégias de flexibilização do planejamento são respostas táticas à heterogeneidade das turmas. A aplicação da psicogênese da língua escrita de forma intuitiva ou deliberada permite que as docentes trabalhem com os "conflitos cognitivos" necessários para o avanço das hipóteses de escrita dos alunos. Como assevera Ferreiro (2024, p. 82), "a escrita não é um produto escolar, mas um objeto cultural cujo domínio exige que a criança reconstrua seu sistema de regras". As professoras de Serra do Ramalho, ao criarem cantinhos de leitura e grupos produtivos, facilitam essa reconstrução ativa.

A discussão conclui que a prática das professoras alfabetizadoras de Serra do Ramalho valida a eficácia do ensino baseado na realidade do aluno. A pesquisa-ação demonstrou que, quando a teoria do letramento é "sentida" e "vivida" pela docente, os resultados na aprendizagem são superiores a qualquer aplicação rígida de cartilhas. A validade deste estudo reside na comprovação de que a alfabetização na perspectiva do letramento é o caminho para uma educação pública equânime, capaz de garantir que o aluno do sertão baiano tenha acesso pleno ao universo da cultura escrita e digital.

6. Considerações Finais

A presente investigação permitiu concluir que as estratégias pedagógicas mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras da rede municipal de Serra do Ramalho - BA transcendem a mera instrução técnica, configurando-se como práticas de letramento socialmente situadas. Ao responder ao objetivo geral desta pesquisa, constatou-se que a integração entre o ensino do código alfabético e o uso funcional dos gêneros textuais contribui significativamente para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. A evidência de uma prática que valoriza a realidade do educando demonstra que o sucesso



da alfabetização está intrinsecamente ligado à capacidade da docente de conferir sentido social aos conteúdos escolares.

No que tange às perguntas norteadoras, verificou-se que as práticas são desenvolvidas a partir de um planejamento que, embora flexível, possui uma clara intencionalidade mediadora. As concepções de alfabetização e letramento que fundamentam o agir dessas professoras estão alinhadas às perspectivas contemporâneas da psicogênese e da pedagogia crítica. Ficou demonstrado que, para estas profissionais, alfabetizar é um processo de construção de hipóteses que exige a imersão do aluno em contextos reais de leitura e escrita, validando a hipótese de que o letramento escolar é o caminho para a formação de sujeitos autônomos.

Um achado relevante desta pesquisa-ação foi o papel da família como rede de apoio indispensável, especialmente em contextos onde o acesso aos bens culturais é mediado quase exclusivamente pela escola. A participação familiar, quando incentivada pelas docentes através de estratégias dialógicas, atua como um catalisador da aprendizagem, reforçando o vínculo afetivo e a motivação do aluno. Contudo, os resultados também apontaram que a ausência de uma formação continuada específica oferecida pela gestão pública municipal ainda representa um desafio, sendo suprida, em grande medida, pelo saber de experiência e pelo esforço autônomo do grupo docente estudado.

As limitações deste estudo residem no recorte amostral restrito a uma única unidade escolar e ao número reduzido de participantes, o que impede a generalização dos dados para toda a rede municipal de Serra do Ramalho. Todavia, a profundidade qualitativa permitida pela metodologia da pesquisa-ação ofereceu reflexões valiosas sobre a microrrealidade do chão da escola, evidenciando que as transformações educacionais mais profundas ocorrem na interação direta entre professor e aluno, mediada pela sensibilidade teórica e pelo respeito às identidades locais.

Como contribuição acadêmica e social, este artigo ressalta a necessidade premente de investimentos em políticas públicas de formação continuada que foquem na indissociabilidade entre alfabetização e letramento. Sugere-se que o município de Serra do Ramalho promova espaços de troca de experiências entre os professores da rede, utilizando as estratégias de sucesso aqui identificadas como base para o fortalecimento do currículo local. A valorização do magistério e o suporte técnico-pedagógico são condições *sine qua non* para que os avanços observados nesta pesquisa se tornem uma realidade consolidada em todas as turmas do ciclo inicial.

Em última análise, as considerações aqui tecidas reafirmam que alfabetizar na perspectiva do letramento é, antes de tudo, um ato político e humanizado de inclusão. A escola pública municipal, ao abraçar as estratégias de ensino que dialogam com o cotidiano e com a cultura do sertão baiano, cumpre sua função social de transformar a palavra em instrumento de liberdade. Espera-se que este estudo sirva de subsídio para novas investigações e que inspire práticas docentes cada vez mais comprometidas com uma educação que não apenas ensine a ler as letras, mas que capacite cada criança a escrever a sua própria história na sociedade.



Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra? Reflexões sobre alfabetização e letramento**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FERREIRO, Emilia. **O processo de escrita na criança**: reflexões e práticas. Tradução de Roseane de Almeida. São Paulo: Artmed, 2024.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIMAN, Angela. **Letramento e práticas sociais**: do cotidiano à sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2022.
- KLEIMAN, Angela; SANTOS, Maria (Orgs.). **Letramentos e diversidade**: diálogos entre escola e comunidade. Campinas: Mercado de Letras, 2022.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2022.
- SILVA, Roberta; OLIVEIRA, Carlos. A tríade pedagógica: professor, aluno e família no ciclo de alfabetização. *Revista Brasileira de Alfabetização*, v. 15, n. 2, p. 10-25, 2023.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.